



O ORIENTALISMO EM UM MUNDO DE PANDEMIA

ORIENTALISM IN A PANDEMIC WORLD

BRUNA BARCELLOS

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-4386-4322>

Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Políticas pela Universidade Federal do Paraná. Bacharel em Relações Internacionais pela UNINTER.

RESUMO

A pandemia causada pela COVID-19 trouxe um cenário de incertezas políticas e econômicas, além de novos comportamentos sociais. Identificando a nova onda de culpabilidade dos governos em relação a China, se observa o risco de discursos de preconceito e sua repercussão dentro da sociedade. Com isso, o presente artigo busca identificar se esse cenário apresenta um fortalecimento nas perspectivas e ações orientalistas. Ao fim, notou-se que a fala de líderes governamentais apresenta efeito direto nas ações sociais, sendo notável o aumento no número de casos de agressão verbal e física a indivíduos de etnia asiática corroborando para o fortalecimento do orientalismo já intrínseco nas falas e atos xenofóbicos.

Palavras-chave: China; xenofobia; COVID-19.

ABSTRACT

The pandemic caused by COVID-19 brought a scenario of political and economic uncertainties, in addition to new social behaviors. Identifying the new wave of government culpability towards China, the risk of prejudice discourses and their repercussions within society is observed. With this, the present article seeks to identify if this scenario presents a strengthening in the orientalist perspectives and actions. In the end, it was noted that the speech of government leaders has a direct effect on social actions, with a notable increase in the number of cases of verbal and physical aggression against individuals of Asian ethnicity, corroborating the strengthening of orientalism already intrinsic in the speeches and xenophobic acts

Key-words: China, xenophobia; COVID-19

1 INTRODUÇÃO



Revista Relações Internacionais do Mundo Atual Unicuritiba.

[Received/Recebido: Março 05, 2021; Accepted/Aceito Março 31, 2021]

Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).



O surgimento de uma nova pandemia que iniciado em Wuhan na China, trouxe também um cenário de disputas políticas e o avanço dos ataques ao país chinês tanto por autoridades governamentais quanto por grupos da população. Buscando compreender se houve aumento nas atitudes de xenofobia contra grupos de outras etnias, têm-se o objetivo de identificar se essa xenofobia também indicaria o fortalecimento da visão orientalista no mundo Ocidental.

Como forma de condução dessa pesquisa o foco estará na fala e comportamento social de dois países: Estados Unidos, país que detém o maior número de mortos pela COVID-19 e Brasil, país onde o atual governo apresenta um afastamento em relação a China e proximidade com os Estados Unidos. Considerando a contemporaneidade do tema o artigo irá se apoiar na divulgação de notícias de meios de comunicação como forma de acompanhar o avanço do debate sobre o tema.

Para exercer essa análise esse artigo se dividirá em uma primeira seção onde será apresentando o que é o Orientalismo com base no livro de Said publicado em 1978. Logo após, uma seção sobre a Globalização será elaborada como forma de justificar a aproximação entre o Ocidente e o Oriente debatidos por Said. Por fim, chegaremos a seção onde a pandemia e seus efeitos sociais serão analisados e debatidos.

Com base nos dados levantados observou um aumento no discurso de ódio em relação ao grupo de etnia chinesa, assim como o início de ataques verbais e físicos nos Estados Unidos. Observa-se uma tendência de fortalecimento de atitudes de ódio conforme as mesmas são praticadas por autoridades governamentais apresentando uma tendência de replicação de estigmas por parte de grupos da sociedade. No entanto, compreende-se que dada a situação de atualidade sobre o tema, futuras pesquisas devem ser feitas devido a maior disponibilidade de dados e possibilidade de pesquisas mais completas e incisivas sobre a presença do Orientalismo nas atitudes e discursos atuais.

2 O ORIENTALISMO DE SAID





A leitura do livro “Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente” de Edward W. Said (1978), hoje em dia é não somente uma ferramenta que auxilia na identificação da repetição de discursos e premissas sobre o Oriente, como se tornou também um guia de auto conhecimento para o pesquisador que tem a região como objeto de estudo. A reflexão de Said em seu livro pode ser interpretada como uma forma de desmascarar os estudos sobre o Oriente que foram e continuam sendo construídos. Chamando a atenção para a visão de fantasia, ou até como mencionado pelo autor, “romântica” do que é o Oriente, se mantendo longe de uma reflexão realista.

Um dos apontamentos a ser retirado do livro se dá sobre como a perspectiva do que é Oriente e Ocidente nada são além de uma divisão criada pelo homem. Ou, como podemos interpretar de forma mais clara, do Ocidente. A divisão entre esses dois lados se tornou uma narrativa citada, reescrita e manipulada durante os anos. Utilizando a colocação de Said, “o oriente foi transformado em oriental” (SAID, 2003, p. 32). A ideia é de que, assim como o Oriente é uma criação humana, o orientalismo é uma resposta a essa criação (SAID, 2003, p. 323).

O que seria o orientalista então? Durante o seu livro, Said se aventura na história de como o Ocidente “descobriu” o Oriente e o tentou interpretar. O que se tem é um observador. Um observador externo que tenta se introduzir na cultura até onde seus limites o permitem e que no fim de sua jornada, retorna ao Ocidente com histórias e lições a serem transferidos ao Ocidente.

O problema do orientalista como observador está na ausência do seu esforço, e até mesmo incapacidade, de se despir de pré-conceitos e heranças ocidentais. Logo, sua observação é enviesada e pré-estabelecida. Durante seu texto, Said conta histórias sobre diferentes orientalistas e suas experiências. Alguns deles observariam sem participar da cultura e aqueles que tentariam, somente o faziam até certo ponto e ainda assim isso não o impedia de retornar ao Ocidente e descrever o Oriente como uma fantasia, mais do que como uma realidade. Além disso existe a ideia do orientalista que vê o Oriente em um todo, havendo a incapacidade de observá-lo por um ponto mais individual, ignorando o sujeito e somente acolhendo a visão mais generalizada.





Said também detalha sobre a visão de superioridade do Ocidente frente ao Oriente (SAID, 2003, p. 74) que é passada ao orientalista (SAID, 2003, p. 322) que também veria o Oriente como precisando ser corrigido. A visão de Oriente como errado, ou até mesmo primitivo, é explorada durante o texto de Said que elabora como historicamente as diferentes formas de expressão, religião e cultura orientais eram, para o Ocidente, representativos de uma sociedade menos evoluída que não havia alcançado os patamares necessários para uma civilização. Essa visão de que o Oriente é inferior ao Ocidente não foi corrigida pelos primeiros orientalistas, ocasionando em um cenário onde “(...) o senso de poder ocidental sobre o Oriente é aceito como natural com o status de verdade científica.” (SAID, 2003, p. 81).

Said explica esse cenário de manutenção da mesma visão sobre o Oriente como sendo um resultado do mecanismo de funcionamento do orientalismo. Segundo o autor, os primeiros orientalistas formaram a base para o orientalismo atual, no entanto, essa base detém os pré-conceitos de seu período e as práticas dos orientalistas da época. Esse orientalista baseado nas visões antecessoras sobre o Oriente se tornou o conselheiro de governos ocidentais, o pesquisador que publica livros sobre suas aventuras no Oriente e sua visão sobre outro povo, moldando toda uma perspectiva existente.

Para a visão de Said, esses orientalistas foram bem sucedidos em pintar o cenário oriental para o Ocidente. O Oriente passou a ser visto cada vez mais como “(..) passivo, (...) não autônomo, não soberano em relação a si mesmo (...)” (SAID, 2003, p. 146), sendo sua “(...) história cultura, política e social (...) considerados meras respostas ao Ocidente.” que passaria a ser “(...) o espectador, juiz e o júri de cada faceta do comportamento oriental.” (SAID, 2003, p. 161).

Todo esse discurso acaba por legitimar a relação desigual já existente entre Ocidente e Oriente, colocadas por Said como sendo de “poder, dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa (...)” (SAID, 2003, p. 32). Essa dinâmica pode ser explicada pelo o que Said chama de polarização (SAID, 2003, p. 80) ao tratar sobre a instrumentalização da divisão entre Ocidente e Oriente. A divisão entre os dois lados, ou





até mesmo dois extremos, é interpretado pelo autor como uma forma de individualizar ainda mais os aspectos de cada polo, fortalecendo a ideia de e não deixar que a *outra* cultura externa adentre seu território. Isso no entanto não impede a ação de inclusão e transformação nessa cultura externa, ou de forma mais clara, de moldar e transformar a outra cultura “para o benefício do receptor” (SAID, 2003, p. 108). Essas preposições sobre cultura, suas transformações e disseminação apresentaram mudanças com o avanço da globalização e fortalecimento de estratégia de *soft power* após a II Guerra Mundial, como poderemos observar no próximo tópico.

Retomando a discussão sobre o papel do orientalista no fortalecimento do status quo sobre a posição do Oriente para o Ocidente, é quase impossível expressar em palavras o quão inapto o orientalista é em explicar o Oriente. A problemática que se pode observar até os dias atuais é a de que o orientalista não é o oriental, ele é o ocidental em sua posição específica tentando analisar o *outro*. A partir dessa posição, independente do esforço do orientalista em se neutralizar, é incabível que o mesmo anule por inteiro o que ele é como indivíduo, e seu posicionamento como indivíduo é construído a partir de sua cultura, hábitos, religião entre outros aspectos.

A posição do orientalista sempre será a de um observador e isso não deve anular sua pesquisa desde que o mesmo reconheça sua posição e compreenda que os resultados de sua pesquisa contém também os resultados de sua identidade própria. A verdade é a de que o Oriente historicamente é visto através do olhar do orientalista, o que Said coloca como uma barreira para a realidade e verdade sobre as questões sociais de um indivíduo que nasceu e viveu no Oriente (SAID, 2003, p. 245). A problemática real está a partir do momento em que reconhecemos que a visão de toda uma sociedade esta baseada na interpretação do Orientalista, sendo sua perspectiva – errônea ou não – agora transmitida para uma um vasto grupo de indivíduos que irão absorver e perpetuar os pré-conceitos adquiridos.

Podemos encerrar essa breve descrição sobre o Orientalismo de Said com três pontos fundamentais. O primeiro desses pontos é a afirmação de Said de que o orientalismo é “(...) uma doutrina política, imposta ao Oriente porque esse era mais fraco





que o Ocidente (...)” (SAID, 2003, p. 281). Essa visão de Oriente fraco é que determina os dois outros pontos, o de que o Oriente é um problema a ser resolvido e povo/território a ser conquistado (SAID, 2003, p. 281), é ao de que o oriental precisa conhecer a si mesmo, sendo o orientalista a fonte de conhecimento que suga da fonte de informação, o oriental (SAID, 2003, p. 411).

Podemos observar ao menos duas definições sobre o que é o Orientalismo. Primeiro, é a ideia de que o Ocidente se posicionaria sempre como mais refinado, superior e inteligente, sendo ele o detentor da verdade, sendo seus modelos políticos, sua cultura, sua visão de mundo as mais adequadas. O Orientalismo também pode ser interpretado como o estudo do Oriente por parte do ocidental.

Para essa pesquisa em específico, o Orientalismo será interpretado como uma possível visão existente nos governantes que pode ser repassada aos indivíduos através de suas falas e comportamento. A confirmação da hipótese seria uma confirmação do fortalecimento do Orientalismo de forma diluída dentro da sociedade.

3 GLOBALIZAÇÃO E A APROXIMAÇÃO ENTRE ORIENTE E OCIDENTE

Definir como começou a globalização pode ser uma tarefa tão difícil quanto definir o que a globalização significa. A dificuldade no esclarecimento sobre o tema pode em parte ser atribuído a diversidade de temas debatidos dentro da abordagem da discussão sobre a globalização, como política, comunicação, cultura, entre outros (FERGUSON, 1992, p. 69).

Bartelson (2000, p. 180) é um dos autores que admite a dificuldade na compreensão sobre o que faz a globalização real e o que se compreende como globalização. Ferguson em contrapartida enumera as problemáticas existentes sobre o tema, sendo a primeira o significado e a variedade de interpretações que diferentes indivíduos tem sobre o assunto. Em segundo, a falta de clareza nas evidências sobre a globalização e a avaliação sobre benefícios positivos ou custos negativos do processo de globalização (FERGUSON, 1992, p. 69).





Milanovic (2003, p. 667) até tenta resumir a globalização a partir da opinião daqueles que, segundo o autor, “importam”. A interpretação escolhida pelo autor é a de globalização como sendo “uma força benigna nos guiando à uma era de convergência dos rendimentos mundiais”. Tanto essa definição quanto o seu uso por Milanovic podem e devem ser questionadas, ainda mais considerando o ano de publicação do seu artigo e até mesmo a afirmação que segue essa definição da China como um país pobre.

Aqui adotaremos as três divisões realizadas por Bartelson sobre as interpretações possíveis sobre o que é a globalização. A primeira interpretação de globalização utilizada pelo autor é a de globalização como uma forma de transferência. Adotaremos a opinião de Bartelson sobre essa ser uma das definições mais “comuns” sobre o tema e utilizaremos suas palavras como esclarecimento, sendo essas a de que a “globalização significa um processo de mudança que se origina no nível da unidade, majoritariamente em termos de consequências intencionais das interações entre unidades” (BARTELSON, 2000, p. 184). Como o autor estabelece, essa interpretação se trata sobre a aceitação de que ocorre a transferência a partir de uma ação das unidades, sendo essa dinâmica ocorrendo entre agentes em um modelo de dentro para fora. Essa transferência, ainda que altere em certo ponto as capacidades dos Estados, não é capaz de alterar suas identidades ou capacidades de agir.

Seria a partir do processo de transferência que se chegaria no que Bartelson estabelece como o segundo grupo, o de transformação. No processo de transformação, o mesmo ocorreria de fora para dentro já que se ocasiona acima das unidades. Por essa perspectiva de transformação também ocorre a interpretação de que a mesma também seria exercida sobre a identidade dos agentes (BARTELSON, 2000, p. 186-188). Como último grupo apresentado há o de interpretação da globalização como transcendência. Essa transcendência se daria sobre as distinções que ocorreriam ao desafiar a ontologia padrão do mundo em “unidades e sistemas”. As distinções serviriam como uma forma de condicionar as questões de identidade e unidade, sendo a globalização um processo que, não segue um padrão de dentro para fora ou fora para dentro, mas sim que dissolve. Como Bartelson coloca, nessa interpretação a “subversão das condições de existência”,





não ocorrendo somente a transformação da identidade do Estado por parte da globalização (BARTELSON, 2000, p. 189).

Em suma, como forma de deixar uma visão clara sobre a globalização para esta pesquisa, adotaremos a simples, porém útil, definição de Drezner que a observa como sendo "(...) um agrupamento de inovações tecnológicas e políticas que reduziram drasticamente as barreiras de trocas econômicas, políticas e culturais." (DREZNER, 2001, p. 53).

O que é necessário retirar como referência da globalização para esse artigo é sua presença em momentos de mudanças nacionais e internacionais para os Estados, e nisso entramos na discussão do cenário global no pós II Guerra Mundial e o surgimento de novas práticas, normas e comportamentos entre os agentes. Reconhece-se o fortalecimento de Organizações Internacionais em conjunto com o fortalecimento da ideia de interdependência complexa, sendo o fim da II Guerra Mundial também o fim do foco individual do Estado no setor bélico e o surgimento de mecanismos de influência, fortalecimento econômico e expansão cultural; os mecanismos de *soft power* passaram a tomar um importante espaço nas agendas dos países.

Inicialmente introduzido por Joseph Nye (1990), o *soft power* trouxe uma nova visão sobre ferramentas que Estados poderiam utilizar para persuadir ou atrair outras nações a adotar determinados caminhos. Fijalkowski (2011, p. 224) estabelece as fontes de *soft power* como "vagas", já que podem ser naturais como a liberdade ou direitos humanos, ou acumulados, como aspectos culturais e ideológicos. Sendo muitas vezes observado como um dos mecanismos americanos de introduzir valores e parte de sua cultura em regiões como a da Ásia, o *soft power* não é e nunca foi uma exclusividade somente do Ocidente ou Oriente, sendo vastamente utilizado como uma prática de inúmeros agentes (LUM, MORRISON, VAUGHN, 2008, p. 1).

Withnow (2008) coloca o *soft power* próximo a discussão de desenvolvimento pacífico praticado pela China, argumentando sobre a visão de que o *soft power* se apresenta para China como estratégia crucial de alcance de determinados objetivos. Lum *et al* (2008) chegam a citar o termo "imagem nacional benigna" como forma de descrever





o modo como a China se comporta em sua região ao “participar ativamente de organizações internacionais, prover um montante significativo de assistência internacional e aumentar seus laços econômicos, com benefícios consideráveis para Estados do Sudeste da Ásia.” (LUM, MORRISON, VAUGHN, 2008, p. 1, tradução própria).

O *soft power* chinês (ou, utilizando o termo de Fijalkowski (2011), “charme ofensivo”) dentro de sua própria região não pode ser somente reduzido a sua influência econômica, sendo seus aspectos culturais também de relevância. Huang e Ding (2006, p. 26) em referência à Nye, argumentam que o processo de *soft power* através da cultura tem seu processo facilitado quando o país a receber o *soft power* apresenta raízes culturais próximas ou ao menos semelhantes ao do país que esta praticando o *soft power*. MingJiang (2008) chegou a tratar sobre como o *soft power* cultural chinês se tornou um foco para o país, sendo a sua participação em eventos internacionais uma forma de disseminação de sua cultura, também exercendo esforço na venda de produtos culturais chineses. Talvez uma das principais estratégias que podemos observar do *soft power* chinês como forma de disseminar sua cultura esta na implementação de Institutos Confúcio em todo o mundo.

Gil (2008) até chega a utilizar o Instituto Confúcio como parte de sua pesquisa sobre o aprendizado da língua chinesa como estratégia de *soft power*. Seria através desses Institutos (além de outras ferramentas) que a China conseguiria transportar parte de sua cultura para outras nações. No caso do Brasil, só em São Paulo são contabilizadas 13 cidades nas quais o Instituto Confúcio atua, apresentando como “Parceiros” a Associação do Comércio e Indústria de Franca e até mesmo a prefeitura de Botucatu. Como o próprio site do Instituto Confúcio na UNESP apresenta, não existe somente o aprendizado da língua chinesa, mas também programas de intercâmbio, oportunidades de emprego e atividades culturais e m geral (INSTITUTO CONFÚCIO NA UNESP, 2020). Logo, é possível claramente observar esses Institutos como um mecanismo vasto de exercício de *soft power*.





O diálogo a ser realizado é que a prática de *soft power* é também um caminho para anulação de uma imagem de inimigo ou ameaça que a China possa ter devido ao seu regime político e particularidades econômicas. A questão do que Huang e Ding chamam de “dissolver a concepção de seu desenvolvimento como uma ameaça aos outros países” (HUANG, DING, 2006, p. 26), está completamente atrelado ao que acima chamamos de ascensão pacífica chinesa, ou desenvolvimento pacífico.

O termo ascensão pacífica teve sua introdução em 2003 por Zheng Bijian e foi ganhando força até o ano seguinte, onde o mesmo foi substituído por desenvolvimento específico. A ideia de adotar o termo inicial de ascensão pacífica, como anteriormente mencionado, foi uma forma de debater e desvalorizar a ideia de que o desenvolvimento e crescimento chinês poderiam representar uma ameaça as outras nações (CHO, JEONG, 2008, p. 467).

Como Cho e Jeong (2008) esclarecem, a diferença entre ascensão pacífica e desenvolvimento pacífico esta presente somente em sua nomenclatura, enquanto suas definições e justificativas permanecem as mesmas. Zheng Bijian tinha elencado quatro pontos que justificam e explicam a ascensão pacífica chinesa, sendo esses: I) o rápido crescimento econômico chinês seria uma forma de compensação para o baixo crescimento anterior; II) a estratégia de crescimento chinês é a de fazer parte do processo de globalização; III) em conjunto com sua participação na dinâmica de globalização a China também trabalha em um desenvolvimento individual que não deve ser visto como ameaça; IV) o desenvolvimento chinês contribui para o desenvolvimento da Ásia (CHO, JEONG, 2008, p. 468).

Um exemplo que podemos utilizar na compreensão do *soft power* chinês esta em sua presença na África. Como Fijalkowski (2011) apresenta, o envolvimento chinês na África se da de forma a “misturar a assistência econômica, alívio do débito e expansão do acesso ao mercado (...)”. A particularidade desse tipo de envolvimento de um país em outro esta na forma como a China organiza sua abordagem, não sendo necessariamente um processo *top-down*, mas sim uma espécie de troca e confiabilidade entre o governo chinês e as corporações chinesas.





Não se deve ignorar que a China apresenta seus interesses próprios ao se aproximar da África, sendo os recursos naturais da região um dos objetivos mais claros nos avanços chineses. Como forma de se aproximar da África a China estabeleceu uma “Proposta de Cinco Pontos”, sendo esses: amizade confiável, igualdade de soberania, não intervenção, desenvolvimento benéfico mútuo e cooperação internacional (FIJALKOWSKI, 2011, p. 229). A China também aplicou o que Withdrawn (2008) coloca como “instrumento econômico” na África ao exercer doações para o país. Há também as estratégias de investir nas questões de infraestrutura como meios de transporte, hospitais e escolas.

Mas por que tratar sobre globalização e *soft power* em uma discussão sobre orientalismo? Como foi possível identificar a partir das breves interpretações acima, enquanto a globalização trata de aproximação de mercados e o *soft power* como aproximação de culturas, identidades entre outros aspectos, ambos em conjunto contribuem para as dinâmicas que observamos nas últimas décadas. Sendo essa a dinâmica onde podemos ter acesso a informações sobre outras nações e onde as trocas exercidas são mútuas. Esse cenário apresenta uma maior conectividade entre diferentes nações e nos passa a sensação e proximidade mesmo com aqueles que estão geograficamente distantes.

Todo esse processo da a sensação de tranquilidade e, muitas vezes, de ausência de conflitos e até mesmo pré-conceitos antes existentes já que na era da informação, o maior conhecimento do outro nos proporciona menos lacuna para opiniões errôneas. No entanto, é possível afirmar que tal cenário de aceitação e compreensão sobre o *outro* se faz de maneira completa? Podemos afirmar que não há espaço para a divulgação de falsas informações, ou até mesmo espaço para enxergar aquele que é diferente de forma inferior? É possível dizer que o Orientalismo não se faz mais presente na sociedade moderna sendo fortalecido pelos últimos eventos relacionados a pandemia? Discutiremos essas questões na seção seguinte.

4 COVID-19 E A CHINA VISTA EM POSIÇÃO ANTAGONISTA





Em dezembro de 2019 a cidade de Wuhan na China começou a identificar um aumento nos casos de pneumonia levantando um alerta para o governo nacional e, posteriormente, à Organização Mundial da Saúde (OMS). No início de janeiro foi identificado que o aumento nos casos de pneumonia eram devido a um novo patógeno identificado como coronavírus (COVID-19), levando a OMS a declarar uma situação de pandemia no início de Março (BARRIOS, HOCHBERG, 2020 e CHINA CDC, 2020). As investigações realizadas apontaram para a possível origem do vírus como sendo do o mercado de frutas do mar Huanan, em Wuhan.

Sendo o vírus de fácil transmissão a partir de contato físico, vias aéreas ou superfícies contaminadas, outras nações começaram a ver o efeito em sua população já em Janeiro, como foi o caso dos Estados Unidos ao apresentar o primeiro caso confirmado no dia 21 (BARRIOS, HOCHBERG, 2020, p. 7). No mesmo mês, dois dias depois, o governo chinês passou a controlar o fluxo de movimentação na cidade de Wuhan (CHINA CDC, 2020, p. 113) e no restante do mundo passou a se observar o avanço da prática de distanciamento social.

O desenrolar dos eventos relacionados ao COVID-19 se tornaram um teste para os líderes em todo o mundo. O desafio não era de somente estabelecer medidas que fossem próprias para a contenção da pandemia, mas também lidar com a pressão do mercado em relação a possível estagnação econômica a surgir devido as práticas de distanciamento social. Adolph *et al* (2020) também tratam desse novo cenário como um “experimento natural” para os Estados Unidos, tratando sobre como a situação de pandemia não era familiar para nenhum dos oficiais que agora teriam de se organizar e tomar decisões frente a um cenário de urgência. Outro argumento trabalhado pelos autores esta na ausência de consenso sobre as medidas de isolamento social revelando ainda mais o poder das questões econômicas e políticas nas ações dos governantes.

No entanto, as barreiras enfrentadas não são somente sobre qual a melhor forma de aplicar o isolamento social e por quanto tempo, mas também as tensões sociais que tiveram início. No dia 06 de março já surgiam notícias em Nova Iorque sobre o aumento





dos ataques contra indivíduos Ásio-americanos e até mesmo queda no número de clientes de restaurantes de comida asiática (CBS, 2020).

No dia 24 de março a *Urban Institute* lançou um longo relatório tratando sobre o aumento de casos de racismo nos Estados Unidos com o avanço do COVID-19. Segundo o relatório, o avanço dos atos racistas e xenofóbicos se apresentaram antes mesmo da confirmação dos primeiros casos de COVID-19 no país, mas se fortaleceram de acordo com o uso de termos xenofóbicos por autoridades governamentais. No início de março, em Nova Iorque, uma mulher coreana foi agredida fisicamente por não estar usando uma máscara ao adentrar um prédio, enquanto o número de país denunciando atos de bullying contra seus filhos apresentou um aumento. No relatório, Know usa o termo “ameaça amarela” para descrever a nova visão americana sobre o que antes era uma “minorias modelo”. O aumento nos casos de violência física e verbal contra Ásio-americanos levou a criação de uma central online de denúncias por organizações não governamentais (KNOW, 2020, p. 1-5).

Ainda em março, a onda de ataques à China e a comunidade asiática também passou a ganhar força no Brasil. No dia 18 de março o deputado federal Eduardo Bolsonaro do PSL acusou a China de esconder os fatos sobre o COVID-19, a classificando como ditadura, também comparando o cenário com o que aconteceu com a União Soviética durante o acidente em Chernobyl, e defendendo que “a liberdade seria a solução”. O uso do termo “vírus chinês” também ganhou força após a fala do deputado, expressão primariamente utilizada pelo presidente Trump. A fala do deputado federal foi rebatida pelo embaixador chinês no Brasil, Yang Wanming, que viu as acusações não somente contra o país, mas também contra o povo chinês, rebatendo que o deputado não conheceria “a China nem o mundo”. A réplica do embaixador da China não foi o suficiente para conter os ataques e usos do termo considerado racista e xenofóbico que passou a ser utilizado frequentemente na rede social Twitter pelos apoiadores do governo (FELLET, 2020).

No dia 20 de março a Pública divulgou um relatório sobre o COVID-19 no Brasil, mais especificamente sobre o aumento dos ataques à China realizada por apoiadores do





governo. Segundo a Pública, no dia 19 de março (um dia após a fala do deputado federal Eduardo Bolsonaro), a *hashtag* #VirusChines chegou aos *Trending Topics* do Twitter contabilizando um total de 94 mil tuítes e retuítes acompanhado de, segundo a Pública, ataques pelo Whatsapp. Alguns perfis apoiadores do governo aderiram a *hashtag* alcançado um grande número de retuíte. Além das *hashtags* em português, *hashtags* em inglês (#ChinaLiedPeopleDied, #ChineseVirus e #ChineseWuhanVirus) também foram utilizadas como forma de culpabilizar a China e atrelar o vírus à etnia. O uso de termos xenofóbicos também acompanhou os tuítes sendo a *hashtag* #VirusXingLing utilizada ao menos 321 vezes na data de análise da Pública (RUDNITZKI, SCOFIELD, FONSECA, 2020).

O uso do termo “vírus chinês” tem sua prática contrária as recomendações feitas pela OMS em 2015 sobre a nomenclatura de novas doenças, já que segundo a organização,

“Nos últimos anos, surgiram várias novas doenças infecciosas humanas. O uso de nomes como “gripe suína” e “síndrome respiratória do Oriente Médio” teve impactos negativos não intencionais ao estigmatizar certas comunidades ou setores econômicos”, diz Keiji Fukuda, diretor geral assistente de segurança da saúde da OMS. “Isso pode parecer um problema trivial para alguns, mas os nomes das doenças realmente importam para as pessoas diretamente afetadas.(...)”¹ (OMS, 2015, p. 1 tradução própria).

Próximo ao fim de Março, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump declarou que não iria mais utilizar o termo “vírus chinês” para se referir a COVID-19, no entanto, a fala do presidente não demonstra o fim de sua crença no termo, mas sim, somente uma estratégia para diminuir as tensões. Segundo a fala de Trump, “(...) todos sabem que veio da China (...)”, argumentando que não iria mais fazer um grande “drama” (*big deal*) sobre o tema. Trump assumiu não se arrepender do uso do termo já que, segundo o mesmo, o vírus veio da China (VAZQUEZ, 2020).

¹ “In recent years, several new human infectious diseases have emerged. The use of names such as ‘swine flu’ and ‘Middle East Respiratory Syndrome’ has had unintended negative impacts by stigmatizing certain communities or economic sectors,” says Dr Keiji Fukuda, Assistant Director-General for Health Security, WHO. “This may seem like a trivial issue to some, but disease names really do matter to the people who are directly affected.(...)”





A fala de Trump não pareceu alterar a situação de racismo e xenofobia para os Ásio-americanos no país. Ainda no dia 26 de Março a CBS divulgou uma matéria tratando sobre o aumento no número de crimes de ódio. Segundo informações coletadas pela CBS, diversos casos continuavam a ser denunciados tanto por violência física quanto verbal como o uso de palavras ofensivas aos indivíduos de etnia chinesa. Além disso, a agressão não se limitaria somente aos indivíduos de descendência chinesa, se espalhando as outras etnias que são frequentemente confundidas como sendo chinesas. Segundo uma das denúncias relatadas pelo site *Stand Against Hatred*, um indivíduo teria ouvido a frase “*Chinese people f*** everything*”. Segundo Yang, presidente e diretor executivo da *Asian Americans Advancing Justice*, a fala de líderes governamentais frequentemente podem ser associadas aos atos de ódio perpetuados em uma sociedade, sendo as palavras ditas por indivíduos, muitas vezes, “um espelho das palavras usadas por certos oficiais eleitos ou influenciadores” (DONAGHUE, 2020, 1-3).

No site *Stand Against Hatred* existe um local para exposição de denúncias onde é possível observar que grande parte se faz de indivíduos de etnia Asiática sendo associados com o vírus. Um dos relatos retrata uma situação em um *webnar* onde indivíduos começaram a espalhar pelo chat xenofóbicas como “*stfu ching chong F*** JEWISH PEOPLE F*** SPICS DISGUSTING WET BACKS ... CHING CHONG EAT BATS **** F*** U ASIAN*” (STAND AGAINST HATRED, 2020, p. 1).

Figura 1: Mulher segurando uma placa com o termo “China vírus” durante rally no Missouri contra as ordens de Quarentena.





Fonte: Jeff Roberson, 2020.

No fim de março, no dia 31, Silveira (2020) publicou no jornal Brasil de Fato uma reportagem tratando sobre o “Discurso de culpabilização e teorias conspiratórias” no Brasil, também tratando sobre a onda de ataques através do Twitter. Silveira caracteriza o ato de culpabilizar a China como um jogo sujo para “se impor ideologicamente” ou até mesmo como um ato de estratégia para se posicionar de forma melhor nas disputas econômicas. Silveira chega até mesmo a utilizar uma narrativa que pode ser vista como inspirada na crítica ao Orientalismo ao dizer que a prática de culpar a China “soa como uma teoria conspiratória, como se o chinês – o “nosso outros”, exótico e estranho – fosse o estrangeiro maquiavélico, representante do “eixo do mal” (...)” (SILVEIRA, 2020, p. 2).

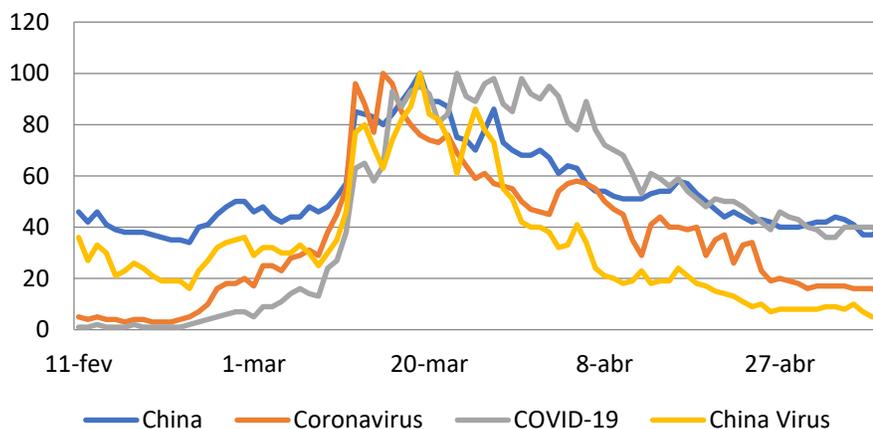
No começo de abril, Andrew Yang, ex-candidato à presidência dos Estados Unidos, também expressou sua aversão ao uso do termo “vírus Chinês” ao defender que tal nomenclatura apenas causaria mais hostilidade. Segundo Yang, independente do possível erro do governo chinês em relação ao repasse de informações sobre o COVID-19, não haveria justificativa para tal tratamento não somente aos chineses, mas também as outras etnias, argumentando que os Ásio-americanos também estão passando pela “mesma ansiedade sobre a pandemia” (COLEMAN, 2020, p. 1-2).

Abaixo são apresentados dois gráficos construídos a partir de dados disponibilizados pelo Google Trend. O primeiro faz referência ao uso dos termos nas pesquisas realizadas nos Estados Unidos e o segundo, no Brasil.





Gráfico 1: Linha do tempo dos termos de pesquisas realizadas nos Estados Unidos entre 11 de fevereiro e 05 de maio de 2020.

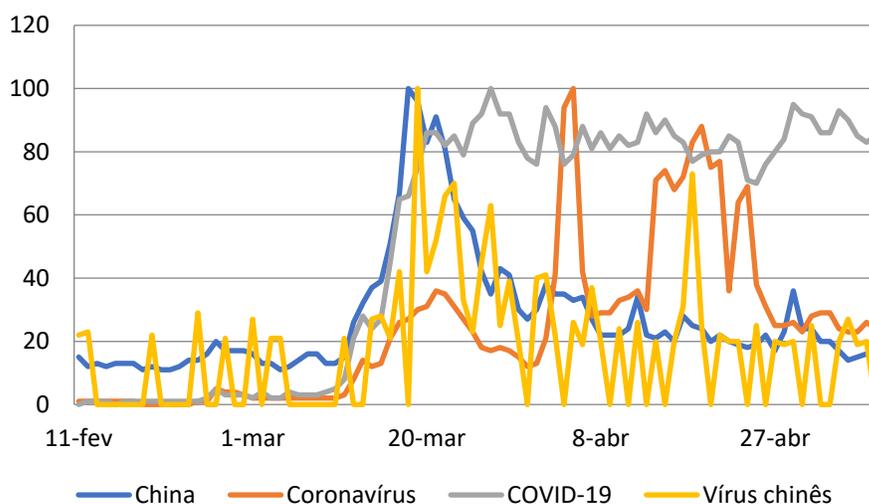


Fonte: Gráfico elaborado com os dados disponibilizados no Google Trends.

No gráfico acima (gráfico 1), o termo “*China vírus*” apresentou seu pico de popularidade no dia 19 de março assim como a palavra “China”. Ambos já apresentavam um crescimento considerável desde o fim de fevereiro. No dia 19 de março foi divulgada a fala de Trump novamente utilizando o termo “China vírus” e culpando a China pela disseminação do vírus em outros locais do mundo (MANGAN, 2020). O dia 19 de março também foi o dia em que a foto das anotações de Trump foi publicada, apresentando a palavra “corona” riscada e substituída por “*chinese*”. O popularidade do termo “*China vírus*” passou a apresentar queda considerável no dia 09 de abril, pouco mais de uma semana após Trump declarar que não usaria mais o termo para se referir à COVID-19. No entanto, a queda na popularidade também se estendeu aos outros termos apresentados no gráfico, apontando para uma queda geral no interesse pela COVID-19 e não necessariamente somente pelo termo.

Gráfico 2: Linha do tempo dos termos de pesquisas realizadas nos Brasil entre 11 de fevereiro e 05 de maio de 2020.





Fonte: Gráfico elaborado com os dados disponibilizados no Google Trends.

No caso do Brasil, como perceptível no gráfico acima (gráfico 2), o termo “vírus chinês” teve um aumento na popularidade no dia 19 de março, um dia após a declaração do deputado federal Eduardo Bolsonaro, e o mesmo dia onde foi levantada a *hashtag* “víruschinês” no Twitter. A parte mais intrigante desses dados estão nos saltos que esse termo de pesquisa apresenta. Entre os dias 11 e 12 de fevereiro apresentava um total de 45 na popularidade do termo, seguindo de 6 dias sem popularidade alguma. No dia 18 de março, data da declaração do deputado federal, o termo apresentava popularidade 0 enquanto o termo “China” tinha popularidade 100. No entanto, no dia 19 de março sua popularidade chegou a 100 enquanto “China” alcançou 96 na contagem de popularidade.

No gráfico abaixo (gráfico 3) foi pesquisada a popularidade da busca “chineses comem morcego” em português e inglês considerando que a frase apresenta dois pontos: uma conexão com a possível origem do COVID-19, já que o mercado de Huwan também venderia animais vivos; e como segundo ponto, a construção da ideia de que é um hábito chinês o consumo de animais vivos (como morcegos), fortalecendo estigmas sobre a cultura chinesa.

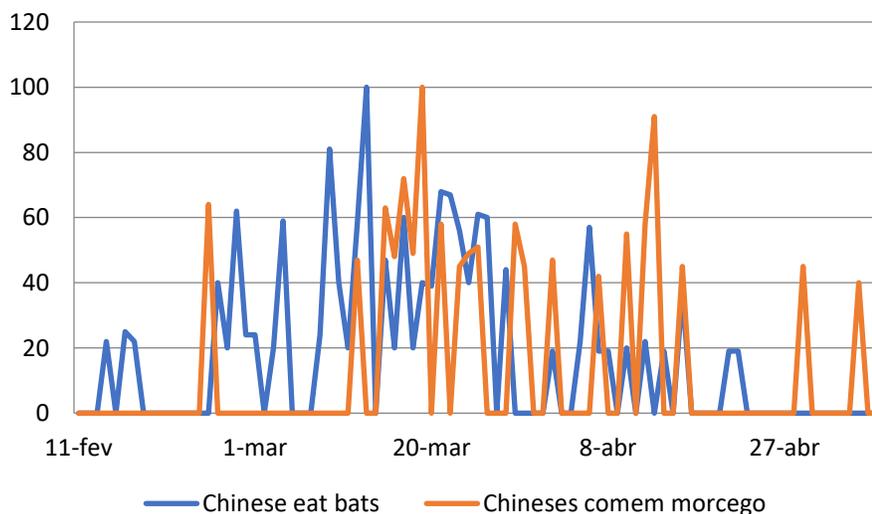
No caso brasileiro a popularidade da pesquisa apresentou um pico no dia 19 de março, mesmo dia do aumento da *hashtag* “vírus chinês” no Twitter. No mesmo dia, a





popularidade da pesquisa nos Estados Unidos chegou a 40, popularidade consideravelmente menor no dia 13 de março onde alcançou 100. Voltando para a discussão para a popularidade da pesquisa no Brasil, percebe-se também aqui uma anomalia nos números quando observamos que no dia 18 de março a popularidade alcançou 49, enquanto que no dia 20 ela simplesmente permaneceu no 0. No dia 13 de abril o termo voltou a alcançar um aumento considerável em sua popularidade chegando a 91, mas voltou a ser nula nos dois dias seguintes. A variação na popularidade da busca também é observada nos Estados Unidos, no entanto, com menor frequência.

Gráfico 3: Linha do tempo sobre o termo de pesquisa “*Chinese eat bats*” nos Estados Unidos e “*Chineses comem morcego*” no Brasil entre 11 de fevereiro e 07 de maio de 2020.



Fonte: Gráfico elaborado com os dados disponibilizados no Google Trends.

No lado político, ainda em abril Trump anunciou que haveriam consequências caso fosse comprovado que houve intenção chinesa na disseminação do vírus (GÜNERIGÖK, 2020). Na semana seguinte Trump voltou a falar de possíveis penalizações à China, também relatando que investigações estariam sendo feitas sobre a forma como Pequim lidou com a pandemia, defendendo que os custos que seriam cobrados da China seriam altos (DAVIDSON, ROURKE, 2020).





Figura 2: Mulher segurando placa com os dizeres “O vírus é o nosso inimigo, não a China”



Fonte: East Asia Forum, 2020.

Os ataques a China também continuaram sendo a ser realizados pelo presidente dos Estados Unidos, Trump, que a princípio tentou minimizar a gravidade da COVID-19 (ADOLPH *et al*, 2020, p. 4) o que pode ser visto como um atraso na tomada de medidas pelo país que até então conta com o maior número de mortes no mundo pela doença (80,787 mil em 11 de maio de 2020, WOLRDMETERS, 2020). Não muito tempo depois Trump passou a atacar a China e suas políticas em relação ao Covid-19, também exercendo falas agressivas em relação à OMS no dia 07 de abril ao dizer que a organização teria errado e apresentaria um aspecto “centrado na China”.

Trump a princípio ameaçou parar com o fundo à OMS como uma retaliação a organização que, segundo o presidente, teria sido contra sua ideia anterior de proibir viagens, também acusando a organização de ter escondido informações pertinentes sobre o COVID-19. A acusação sobre a relação entre a OMS e a China não se limitou somente a pandemia já que, segundo Trump, o favoritismo da OMS com a China seria observada durante anos (MAHASE, 2020a). Na semana seguinte, no dia 14 de abril, foi anunciado que os Estados Unidos havia decidido parar com o envio de fundos a OMS. Trump deu continuidade ao seu discurso sobre a possível falha da OMS em repassar as informações sobre o vírus (MAHASE, 2020b).





No início de Maio Trump voltou a acusar a OMS de apresentar favoritismo a China, também defendendo sua visão de que haveriam provas de que o Instituto de Virologia de Wuhan seria o foco de origem do COVID-19 e até mesmo argumentou sobre uma possível tentativa chinesa de o fazer as próximas eleições (BBC NEWS, 2020). O ex-chefe da CIA, Pompeo, também fez declarações semelhantes as de Trump ao apontar que existem evidências de que o vírus teria sua origem no laboratório de Wuhan, argumentando que “(...) (a) China tem um histórico de infectar o mundo e de ter laboratórios abaixo do padrão.” (AL JAZEERA NEWS, 2020, p. 2)

A aversão de Trump à China já era observada antes mesmos da COVID-19, sendo a mesma citada nos discursos de Trump já em 2016 como tendo realizado “o maior roubo da história mundial”. Anos depois Trump voltou a atacar a China e a pedir que as empresas americanas se retirassem do país durante a guerra comercial entre os dois países. Ainda assim, os ataques de Trump não ocorreram sem intervalos de possível “amizade”, onde o presidente americano elogiava o país no que parecia ser uma estratégia de garantir as exportações ao país (ELLIOTT, 2020, p. 1-3). Em relação ao COVID-19 a situação também se repetiu, em uma reportagem feita por Price (2020) é apresentado um total de 15 vezes onde Trump elogiou a gestão de Xi Jinping em relação ao COVID-19, o que Price interpretou como sendo uma estratégia de evitar conflitos e fragilidades ao acordo comercial com a China que seria de grande importância para a reeleição do atual presidente americano.

5 CONCLUSÃO

Quando observamos o Orientalismo como o julgamento do que é *externo*, o *outro*, ou simplesmente, o de “*fora*”, conseguimos observar sua prática no dia a dia facilmente. Ao trazermos o debate sobre a Globalização, estávamos também tratando sobre como a proximidade entre países serviu de ponto para as trocas culturais, utilizando a perspectiva de que conhecer outras culturas nos auxilia a eliminar julgamentos e concepções historicamente construídas.





No entanto, a Globalização sozinha nunca foi a solução para o preconceito e xenofobia já existente na sociedade. Não se anula a presença desses atos no próprio Oriente, apenas se adota aqui uma observação a partir do Ocidente. A questão que se faz é a de que a proximidade entre Estados não se deu a ponto de diminuir o senso de ameaças, ao menos no caso da China. Seu regime político e a palavra “comunista” presente no nome do partido chinês carregam consigo individualmente um grupo grande de pré definições e visões compartilhadas no lado ocidental, uma herança das tensões vividas em décadas passadas.

A relação entre Trump e a China é um exemplo claro e atual sobre a vulnerabilidade dos laços entre Ocidente e Oriente. Como brevemente mencionado, as tensões existentes entre ambos já se apresentava antes mesmos do início da pandemia devido a visão que Trump carrega consigo de que a China é uma ameaça a economia americana. Trump já apresentava uma visão não tão positiva em relação a Ásia na década de 1980 quando atacou o Japão de ter “sugado o sangue americano” (PESEK, 2018). O que se observa hoje nos ataques do então presidente americano é a continuidade de sua visão sobre o Oriente como um perigo ao avanço e prosperidade americana.

Durante a pandemia do COVID-19 essa visão não se alterou. Intercalando entre ameaças e elogios, Trump construiu uma narrativa confusa que saiu do governo e passou para diferentes níveis da sociedade. Retomando a abordagem Orientalista construída pelo Ocidente, observamos que o efeito cascata da própria visão Orientalista do presidente se espalhou pela sociedade já em situação instável em relação as suas visões sobre o Oriente. O crescimento dos ataques aos Ásio-americanos apresentaram dois cenários preocupantes e facilmente observáveis como orientalistas: o primeiro, a agressividade construída sobre a percepção do outro como ameaça, sendo inferior, diferente e estranho; como segundo cenário entra a concepção da Ásia como um todo, o ataque a diferentes etnias devido a dificuldade na observação do oriental como indivíduo, perpetuando a visão da Oriente como um todo generalizado.





A reflexão do cenário americano no Brasil pode ser justificado pelos mesmos motivos (visão ignorante sobre o Oriente e disseminação do discurso político sobre a população), mas também segue o posicionamento do governo em relação as suas alianças. No caso brasileiro, o aspecto político atrelado ao vírus é claramente visível no discurso governamental e na adoção de um posicionamento por parte de diferentes grupos da sociedade. Nos Estados Unidos o cenário não é muito diferente e o que se observa é a adoção de um caráter político no enfrentamento ao vírus.

Schild *et al* (2020) elaboraram uma pesquisa extensa com dados empíricos sobre o uso de termos chineses degradatórios, colocando seu foco nas redes sociais Twitter e 4chan. Os autores apresentam uma conclusão preocupante ao identificar um aumento significativo nas ofensas aos chineses em ambas as plataformas, observando a possibilidade de consequências reais como a agressão a população chinesa. A conclusão dos autores pode ser observada também nessa pesquisa ao observar o aumento do termo “vírus chinês” assim como pela observação de aumento no número de agressões verbais e físicas aos indivíduos Ásio-americanos.

Mas essa observação de atitudes e discursos preconceituosos e xenofóbicos que seguem a narrativa Orientalista representa um retrocesso em relação aos avanços da Globalização? Dar uma resposta positiva a essa pergunta significa também admitir que o Orientalismo esta inserido em todos os atos de preconceito e xenofobia ao grupo que conhecemos como “oriental”. Ainda que não podemos negar que sim, o orientalismo esta presente a partir do momento que a associação do povo chinês com o consumo de animais selvagens se torna mais frequente, é devido a Globalização e o constante esforço da China durante as últimas décadas na disseminação de sua cultura que podemos também observar um repúdio a xenofobia e atos de violência aplicados contra os chineses e seus descendentes.

Coloca-se como ideal que essa pesquisa seja novamente realizada quando o cenário de urgência devido a pandemia tenha um fim, também sendo indicado uma pesquisa empírica mais a fundo do uso de termos xenofóbicos contra chineses acompanhado das falas governamentais. Essa pesquisa pode ser isolada somente no





Brasil a fim de apresentar, primariamente, uma discussão completa sobre o cenário brasileiro, para que no futuro possa ser elaborado um discurso comparativo e se tenha resultados que possam apresentar, ou não, tendências políticas ou culturais para a prática orientalista.

REFERÊNCIAS

ALJAZEERA NEWS. US says 'significant evidence' coronavirus came from China lab. 2020. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2020/05/trump-threatens-action-china-covid-19-200503101120358.html>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

BARTELSON, Jens. **Three Concepts of Globalization.** *International Sociology*, vol. 15, no. 2, 2000, p. 180-196. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0268580900015002003>> Acesso em: 06 de maio de 2020.

BBC. **Coronavirus: Trump stands by China lab origin theory for vírus.** 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-52496098>> Disponível em: 11 de maio de 2020.

CBS News. **Coronavirus panic sparks racista incidentes against Asian Americans.** Disponível em: <<https://www.msn.com/en-us/news/us/coronavirus-panic-sparks-racist-incidentes-against-asian-americans/ar-BB10QCMJ>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

CHO, Young N.; JEONG, Jong H. **China's Soft Power: Discussions, Resources, and Prospects.** *Asian Survey*, vol. 48, no. 3, 2008, p. 453-472.

COLEMAN, Justine. Andrew Yang: Calling coronavirus 'China virus' only used to incite 'hostility'. **The Hill**, 2020. Disponível em: <<https://thehill.com/homenews/media/490903-andrew-yang-calling-coronavirus-china-virus-only-used-to-incite-hostility>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

DAVIDSON, Helen.; ROURKE, Alison. Trump says China could have stopped Covid-19 and suggests US will seek damages. **The Guardian**, 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/apr/28/trump-says-china-could-have-stopped-covid-19-and-suggests-us-will-see-damages>> Acesso em: 11 de maio de 2020.





DONAGHUE, Erin. Surging anti-Asian hate crimes being tracked during coronavirus pandemic: "Things are getting very physical". **CBS News**, 2020. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/coronavirus-pandemic-anti-asian-hate-crimes-tracking/>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

DREZNER, Daniel W. Globalization and Policy Convergence. **International Studies Review**, vol. 3, no. 1, 2001, p. 53-78. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/3186512?seq=1>> Acesso em: 06 de maio de 2020.

EAST ASIA FORUM. **COVID-19 heightens US-China tensions**, 2020. Disponível em: <<https://www.eastasiaforum.org/2020/04/06/covid-19-heightens-us-china-tensions/>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

ELLIOTT, Kimberly Ann. COVID-19 Could Reignite Trump's Trade War With China. **World Politics Review**, 2020. Disponível em: <<https://www.worldpoliticsreview.com/articles/28716/covid-19-could-reignite-the-trump-trade-wars>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

FELLET, João. 'Vírus chinês': como Brasil se inseriu em disputa geopolítica entre EUA e China sobre pandemia. **BBC News Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51963251>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

FERGUSON, Marjorie. The Mythology about Globalization. **European Journal of Communication**, vol. 7, 1992, p. 69-93. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0267323192007001004>> Acesso em: 06 de maio de 2020.

FIJALKOWSKI, Lukasz. China's 'soft power' in Africa? **Journal of Contemporary African Studies**, vol. 29, no. 2, 2011, p. 223-232. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02589001.2011.555197>> Acesso em: 06 de maio de 2020.

GIL, Jeffrey. The Promotion of Chinese Language Learning and China's Soft Power. **Asian Social Science**, vol. 4, no. 10, 2008. Disponível em: <<http://www.ccsenet.org/journal/index.php/ass/article/view/936>> Acesso em: 06 de maio de 2020.

GÜNERIGÖK, Servet. Trump suggest 'consequences' if China knew of COVID-19. **Anadolu Agency**, 2020. Disponível em: <<https://www.aa.com.tr/en/americas/trump->





[suggest-consequences-if-china-knew-of-covid-19/1810160](#)> Acesso em: 11 de maio de 2020.

HUANG, Yanzhong, DING, Sheng. Dragon's Underbelly: An Analysis of China's Soft Power. **East Asia**, vol. 23, no. 4, 2006, p. 22-44. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/BF03179658>> Acesso em: 06 de maio de 2020.

KOOP, Chacour. "Sacrifice the weak' and 'Give me liberty': Signs at coronavirus protests across US. **Miami Herald**, 2020. Disponível em: <<https://www.miamiherald.com/news/coronavirus/article242182796.html>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

KWON, Danielle. Confronting Racism and Supporting Asian American Communities in the Wake of COVID-19. **Urban**, 2020. Disponível em: <<https://www.urban.org/urban-wire/confronting-racism-and-supporting-asian-american-communities-wake-covid-19>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

LUM, Thomas; MORRISON, Wayne M.; VAUGHN, Bruce. China's "Soft Power" in Southeast Asia. **Congressional Research Service**, 2008. Disponível em: <<https://fas.org/sgp/crs/row/RL34310.pdf>> Acesso em: 06 de maio de 2020.

MAHASE, Elisabeth. **Covid-19: Trump threatens to stop funding WHO amid "China-centric" claims**. The BMJ, 2020.

MAHASE, Elisabeth. **Covid-19: Trump hats WHO funding in move labelled "petulante" and "short sighted"**. The BMJ, 2020.

MANGAN, Dan. Trump blames China for coronavirus pandemic: 'The world is paying a very big price for what they did'. **CNBC**, 2020. Disponível em: <<https://www.cnn.com/2020/03/19/coronavirus-outbreak-trump-blames-china-for-virus-again.html>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

MILANOVIĆ, Branko. The Two Faces of Globalization: Against Globalization as We Know It. **World Development**, vol. 31, no. 4, 2003, p. 667-683. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=320287> Acesso em: 06 de maio de 2020.





PRICE, Ned. Trump Is Dangerously Predictable With China. **Foreign Policy**, 2020. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2020/05/01/trump-xi-china-coronavirus-trade-deal/>> Acesso em 11 de maio de 2020.

RUDNITZKI Ethel.; SCOFIELD, Laura.; FONSECA, Bruno. Robôs levantaram hashtag que acusa China pelo coronavírus. **A Pública**, 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/03/robos-levantaram-hashtag-que-acusa-china-pelo-coronavirus/>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. 1ª ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVEIRA, Fabrício. Discurso de culpabilização e teorias conspiratórias desinformam e fomentam uma disputa ideológica limitadora. **Brasil de Fato**, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/03/31/artigo-a-culpa-chinesa>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

STAND AGAINST HATRED. **Online harassment during na Asian American-led webinar**. 2020. Disponível em: <<https://www.standagainthatred.org/stories>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

VAZQUEZ, Maegan. Trump says he's pulling back from calling novel coronavirus the "China vírus". **CNN**, 2020. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2020/03/24/politics/donald-trump-pull-back-coronavirus-chinese-virus/index.html>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO issues best practices for naming new human infectious diseases**, 2015. Disponível em: <<https://www.who.int/mediacentre/news/notes/2015/naming-new-diseases/en/>> Acesso em: 11 de maio de 2020.

WUTHNOW, Joel. The Concept of Soft Power in China's Strategic Discourse. **Issues & Studies**, 44. No. 2, 2008, p. 1-28. Disponível em: <<http://www.indianstrategicknowledgeonline.com/web/Concept%20of%20Soft%20Power%20in.pdf>> Acesso em: 06 de maio de 2020.

